

Contas externas têm o melhor outubro desde 1993

BC revê projeção de déficit no ano para US\$ 8,6 bi, o que reduz dependência de recursos do exterior

SHEILA D'AMORIM

BRASÍLIA – Num cenário internacional ainda com muitas incertezas, o bom desempenho das contas externas deverá ser um aliado importante para o próximo governo recuperar a credibilidade do País. Se forem confirmadas as últimas proje-

ções do Banco Central (BC), o saldo final em conta corrente – após contabilizadas exportações, importações, despesas com serviços e rendas e as transferências unilaterais deste ano – será um déficit de US\$ 8,6 bilhões, quase metade dos US\$ 16 bilhões em investimentos estrangeiros diretos estimados para ingressar no Brasil no mesmo período.

Esta foi a quarta vez consecutiva que o BC reviu suas projeções para as contas externas em 2002 e 2003. A última previsão era de um déficit de US\$ 11 bilhões.

O ajuste nas contas exter-

nas, que significa uma diminuição da dependência de recursos de outros países, deverá continuar no ano que vem, com um déficit projetado em US\$ 8,2 bilhões. Essa melhora ocorre num momento em que há uma forte retração no crédito para o País. Em outubro, apesar de ser um mês de concentração de vencimentos de juros da dívida externa, o BC registrou um déficit em conta corrente de apenas US\$ 34 milhões, o melhor desempenho para o mês desde outubro de 1993. O valor surpreendeu até

mesmo o governo, que esperava um déficit de US\$ 900 milhões. No acumulado de 12 meses terminado em outubro, o déficit externo soma US\$ 10,7 bilhões, equivalente a 2,31% do Produto Interno Bruto (PIB).

A melhora nas contas externas retira uma fonte de pressão sobre o novo governo

Roberto Padovani, da consultoria Tendências

“A melhora nas contas externas retira uma fonte de pressão sobre o novo governo”, avalia o economista Roberto Padovani, da consultoria Tendências. Num momento em que o mercado tem dúvidas sobre a trajetória da inflação no ano que vem e como serão conduzidos temas como a renegociação da dívida dos Estados, isso se torna



ainda mais importante. “Se além dessas dúvidas e da incerteza no cenário internacional ainda tivesse uma preocupação maior com as contas externas, a tensão aumentaria”, afirma Padovani.

Folga – O primeiro reflexo disso, diz, seria o aumento do prêmio de risco dos títulos brasileiros negociados lá fora e, de-

pois, a alta da taxa de câmbio. “Esse ajuste dá uma boa folga para o novo governo”, completa o economista. O bom desempenho comercial do País é o que tem ajudado a reduzir o déficit externo. Em outubro, o superávit comercial de US\$ 2,2 bilhões foi bem maior do que o US\$ 1,6 bilhão previsto inicialmente pelo governo. Por causa disso, o BC elevou

de US\$ 11 bilhões para US\$ 12,5 bilhões sua estimativa de superávit comercial para este ano. Para 2003, no entanto, o saldo positivo de US\$ 15 bilhões foi mantido.

Além disso, a contração verificada na conta de serviços e rendas também contribui para melhora do resultado em conta corrente. Os gastos com juros de US\$ 1,7 bilhão em outubro foram inferiores aos US\$ 2 bilhões do mesmo mês de 2001. Neste mês, até ontem, os gastos com juros somam US\$ 1 bilhão. Já as remessas de lucros e dividendos cresceram para US\$ 644 milhões quando comparadas com 2001, mas, em novembro, já mostram tendência de queda. Até ontem, essas remessas somavam US\$ 173 milhões.

Viagens – Na conta de serviços, a maior retração vem ocorrendo nas viagens para o exterior. O câmbio desfavorável fez com que o BC registrasse, em outubro, um superávit de US\$ 82 milhões, o que significa que as receitas obtidas com turismo estrangeiro no País superaram os gastos de brasileiros lá fora. Esse foi o melhor desempenho desde janeiro de 1992, quando foi registrado um superávit de US\$ 83 milhões. Este mês, até o dia 26, o superávit é

de US\$ 55 milhões.

As transferências unilaterais, que, no caso brasileiro, são fortemente influenciadas pelas remessas de descendentes de japoneses que foram trabalhar no Japão, também têm crescido significativamente. Em outubro, esses ingressos totalizaram US\$ 301 milhões, o dobro dos US\$ 149 milhões registrados no mesmo mês do ano passado. “O câmbio atual é favorável a essas remessas”, afirma o chefe do Departamento Econômico do BC (Depec), Altamir Lopes. Com a forte desvaloriza-

ção do real registrada este ano, os dólares enviados para o Brasil são convertidos num volume maior de reais.

Depois das turbulências financeiras que antecederam as eleições, o chefe do

Depec avalia que o cenário já dá sinais significativos de melhora. Isso deverá refletir-se num volume menor de intervenções do BC no mercado de câmbio no último bimestre do ano. Com isso, o nível das reservas internacionais deverá encerrar 2002 acima dos US\$ 13,9 bilhões projetados. Se confirmado, esse nível será quase US\$ 9 bilhões maior do que o piso de US\$ 5 bilhões estipulado no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

RESERVAS FICARÃO US\$ 9 BI ACIMA DO MÍNIMO